

# **LAZARILHO DE TORMES, O ANTI-HERÓI E O STATUS QUO DO CLÉRIGO DA OBRA E O DISCURSO POLÍTICO-RELIGIOSO ATUAL**



## **LAZARILLO DE TORMES, THE ANTI- HERO AND THE STATUS QUO OF THE CLERIC OF THE WORK AND THE CURRENT POLITICAL-RELIGIOUS DISCOURSE**

**PRISCILLA PAULINE PARENTE SILVA**

Graduação em Letras Inglês pela Pontifícia Universidade Católica (2008); Especialista em Língua e Literatura Portuguesa pela Universidade Mackenzie em curso; Professora de Ensino Fundamental II - Língua Inglesa - na EMEF Dilermando Dias dos Santos - Diretoria Regional de Ensino Pirituba/Jaraguá - DRE P/J.

### **RESUMO**

O objetivo deste trabalho será apresentar dois caminhos de análises literárias de uma mesma obra; uma abordar no romance Lazarilho de Tormes, narrativa espanhola do século XVI, de autoria desconhecida e obra fundante do romance picaresco, no qual o herói da história é um anti-herói: personagem marginalizado em constante labuta pela sobrevivência. Além da marcante característica do protagonista deste tipo de narrativa, veremos ainda uma sátira social como tema central da história, uma crítica contundente ao modelo de sociedade da época: hipócrita e corrupta. Esta parte será o fio condutor do desenvolvimento deste anti-herói herói (grifo meu) em um determinado momento da história que veremos mais adiante. E, o outro caminho desta análise, será um paralelo deste romance picaresco e o personagem do clérigo com a nossa conjuntura atual na esfera política e o discurso político-religioso proferido pelo deputado-pastor Silas Malafaia. A estrutura de sátira social dos romances picarescos da Idade Média nos possibilita fazer uma análise do status quo vigente, uma vez que os costumes e tradição dos políticos brasileiros são semelhantes aos moldes do clero de outrora: além da corrupção e hipocrisia, os discursos autoritários para manterem-se nos cargos imunes de qualquer julgamento civil. Veremos a degradação moral e as trapaças do homem pelo homem em busca da superficialidade do material e esvaziamento da fé. Vale ressaltar neste resumo que este artigo é a junção de dois trabalhos realizados em disciplinas diferentes ao longo do curso de especialização em Língua e Literatura Portuguesa pela Universidade Mackenzie, em 2016; portanto os assuntos serão entrelaçados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociedade; Sátira social; Discurso Político-religioso; Picaresco; Anti-herói.

## ABSTRACT

The aim of this work will be to present two paths of literary analysis of the same work; one will look at the novel *Lazarillo de Tormes*, a 16th century Spanish narrative, of unknown authorship and a founding work of the picaresque novel, in which the hero of the story is an anti-hero: a marginalized character in a constant struggle for survival. In addition to the striking characteristic of the protagonist of this type of narrative, we will also see a social satire as the central theme of the story, a blunt criticism of the model of society of the time: hypocritical and corrupt. This part will be the guiding thread in the development of this anti-hero hero (my emphasis) at a certain point in the story, which we'll see later on. And the other path of this analysis will be a parallel between this picaresque novel and the character of the clergyman and our current political situation and the political-religious discourse delivered by deputy pastor Silas Malafaia. The social satire structure of the picaresque novels of the Middle Ages allows us to analyze the current status quo, since the customs and traditions of Brazilian politicians are similar to those of the clergy of yesteryear: in addition to corruption and hypocrisy, authoritarian speeches to remain in office immune from any civil judgment. We will see the moral degradation and cheating of man by man in search of material superficiality and the emptying of faith. It's worth noting in this summary that this article is the combination of two pieces of work carried out in different subjects during the specialization course in Portuguese Language and Literature at Mackenzie University in 2016, so the subjects will be intertwined.

**KEYWORDS:** Society; Social satire; Political-religious discourse; Picaresque; Anti-hero.

## INTRODUÇÃO

### O ROMANCE PICAESCO



Lazarillo de Tormes, Anônimo

Tradução de Heloísa Costa Milton e Antonio R. Esteves

Organização de Mario M. González, 2012

<https://editora34.com.br/detalhe.asp?id=312>. Acesso 28 mar. 2024

## O ROMANCE PICAresco

Para compreender as análises, faz-se necessário um resgate histórico-cultural da segunda metade do século XVI e do entendimento sobre o romance picaresco.

A Espanha expandia seu império com suas conquista mercantil e colonização do mundo novo: as Américas. E, assim como a língua foi uma forma de administrar e “educar” colônias, a literatura foi (e ainda é) um reflexo da crença e formação social de um povo e de sua nação. Desta forma, as narrativas de outrora que se embasavam nas aventuras heróicas de cavaleiros fantásticos começam a ser produzidos outros formatos de textos cujo conteúdo dá-se pela sátira de uma determinada sociedade e com outro tipo de herói, o anti-herói ou pícaro, personagem marginalizado que luta constantemente para sua sobrevivência e em busca de uma possível ascensão social, independente de qualquer atitude e/ou julgamento moral ou ético. Essas novas narrativas são chamadas de romance picaresco,

(...) propomos entender o romance picaresco como a pseudo-autobiografia de um anti-herói – o pícaro -, definido como um marginal à sociedade, cujas aventuras, por sua vez, são a síntese crítica de um processo de tentativa de ascensão social pela trapaça e representam uma sátira da sociedade de sua época. (GONZÁLEZ, 2005, p. 201)

## O ANTI-HERÓI E SEU NASCIMENTO

Lazarinho luta diariamente pela sua própria sobrevivência desde a infância ao lado da mãe, jovem viúva que se vê sozinha na criação do menino. À exemplo de sua responsável, Lazarinho já cedo percebe que para manter-se vivo é preciso fazer favores e literalmente “não ver” a dura realidade: sua mãe se prostitui e depois se envolve com um ladrão. Este, rouba de outrem para dar o que comer para eles.

No início da trama, temos a linha condutora, o guia do percurso de Lazarinho: não ver o errado moral-ético, não julgar, mas fazê-lo para seguir a vida. Assim lhe fora ensinado, de pai para filho, de mãe para filho e de amos para subalternos.

A luta diária de sobrevivência deste jovem pícaro que logo na relação com seu primeiro amo (o cego) teve igualmente degradado, trapaceado e violento o seu batizado para entrada no mundo,

- Lázaro, encoste o ouvido neste touro e ouvirá um grande ruído dentro dele.  
Eu simplesmente enconstei, acreditando que era verdade. Quando sentiu que eu tinha a cabeça bem junto da pedra, ele enrijeceu a mão e, com força, deu-me uma grande cabeçada no diabo do touro, deixando-me mais de três dias com a dor da chifrada. E disse-me:
- Ignorante! Aprenda que o guia do cego tem que saber um pouco mais que o diabo.  
E riu muito da brincadeira.  
Pareceu-me que naquele instante despertei da inocência em que, como criança, estava adormecido. Pensei lá no fundo: “O que ele diz é verdade. Devo abrir bem os olhos e ficar esparto, pois sou sozinho e tenho que aprender a cuidar de mim.” (p.37)

Lazarinho teve sua cerimônia de debutante com uma personagem cega e trapaceira que o iluminou e o ensinou a arte de viver, e assim configuraria toda sua trajetória e sua ascensão social: ele cego de si mesmo, trapaceiro e degradado moralmente, uma pequena amostra marginal de uma

grande sociedade hipócrita central.

Ele permanece meses com o cego e é submetido às condições desumanas, assim aprende que para estar vivo é necessário ser esperto. Aprende e formula truques com este amo. De acordo com González, este período (com o cego, clérigo e escudeiro) é considerado a sequência de Aprendizado,

Caracteriza-se por uma evolução no “passer fome” que é, inesperadamente, cada vez maior e uma evolução na capacidade para remediar a fome, ao ponto que o pícaro acaba remediando também a do amo. (GONZÁLEZ, 1988, p.13)

Vale ressaltar que ele remedia a fome do escudeiro, seu amo que vive de aparências e com este, percebemos que Lazarilho se fortalece com o ato de dar comida para ele e percebe, de fato, que a sociedade aceita melhor as aparências de uma roupa, a prepotência de uma riqueza inexistente, que o caráter existente de um maltrapilho. Não à toa, este amo encerra o processo de aprendizado e ele inicia sua nova etapa: a Progressão.

(...) há uma progressão da fome à capacidade de subsistir, de ser uma extensão do amo (guia do cego) à relativa autonomia do aguazil e da fuga ao diálogo. (GONZÁLEZ, 1988, p.13)

Interessante observar que a fome foi ao mesmo tempo fisiológica e ideológica, pois o manteve no percurso de querer se tornar extensão de um amo. Outro aspecto dessa avanço de fase foi o desenvolvimento do diálogo, como se para se dar bem na vida o domínio da oratória fosse uma premissa. Mas, não foi justamente o que ele aprendera com os três primeiros amos? O cego era o Alexandre Magno, o clérigo com domínio do discurso religioso e o escudeiro, um aristocrata falido.

Após essa virada, Lazarilho marca sua transformação, sua ascensão social com um objeto pertencente à sua nova classe: compra roupa mesmo que velha e uma espada e,

(...) sente-se “em traje de homem de bem” e decide atuar de acordo com o nível obtido mediante a aparência. Agora, Lázaro se incorpora ao universo dos seus amigos amos e nele enfrenta a sociedade de igual para igual (...) (GONZÁLEZ, 1988, p.13)

O anti-herói herói (grifo meu) que envolveu o leitor até o momento com sua carga emocional, cativando assim para torcida de sua grande conquista, deixa de ser o anti-herói herói e torna-se apenas o anti-herói ao entrar, integrar ao sistema corrompido e promíscuo da sociedade.

E, ao integrar a sociedade de quase-igual para quase-igual, ele conclui sua cegueira ao não exergar a si próprio e misturar-se com a inversão de valores, esvaziamento da honra e superficialidade do material. Afinal,

Eles não querem ver em suas casas homens bons e virtuosos, que são, ao contrário, detestados e desprezados. (LAZARILHO DE TORMES, p. 141)

## SÁTIRA SOCIAL

Como vemos, e de acordo com González, não podemos analisar um romance picaresco sem pontuar os traços marcantes de uma crítica contundente à sociedade na qual a narrativa foi produzida e publicada. No caso de Lazarilho, a obra é anônima por fazer crítica ao sistema eclesiástico em um momento conturbado da história medieval (INDEX), além das condições da época, e o outro por ter

sido escrita por um dissidente religioso, talvez (grifo meu),

(...) a crítica do Lazarilho tem tons diferentes, já que o livro nasce sob condições muito diversas. Nele se condensam e afinam elementos que vinham da Idade Média, dentre os quais se destaca a crítica aos costumes dos eclesiásticos, que no século XVI levaria à revisão das doutrinas.<sup>5</sup> O Lazarilho acrescenta à crítica tradicional um sentido mais complexo, ao incorporá-la num quadro de rebeldia contra uma ordem social e econômica num momento de crise religiosa. (GONZÁLEZ, 1988, p. 15)

Ou seja, a sátira condiz com a condição social e status quo religioso da época, período de expansão de impérios, controle religioso e honra dos “homens de bem”.

## O CLÉRIGO DE OUTRORA E ATUAL

Foi escolhido para análise parcial o personagem do clérigo para um possível diálogo comparativo com um outro clérigo atual, um político-religioso na figura de Silas Malafaia, uma vez que estamos em um momento de crise política manifesta e com discurso político-econômico-social degradado e hipócrita proferido comicamente por nossos políticos-religiosos. Ambos se negam a ter suas honras maculadas e seus status diminuídos, e para isso será feito tudo, independente de qualquer análise ou julgamento ético-moral atual.

Assim como o clero foi “o segmento apontado como dominante numa sociedade de pícaro” (GONZÁLEZ, 1988), nossos políticos-religiosos os são tanto quanto. Há anos a sociedade brasileira tem visto o alto grau de corrupção e degradação ético-moral dos “homens de bem” de Brasília, cujos crimes vão desde prostituição à lavagem de dinheiro. Porém, seus discursos na mídia e perante seus fiéis são de manipulação embasado na fé religiosa, pois os miseráveis são sempre muito zelosos em todos os aspectos, como dizia Lazarilho sobre seu amo clerical. Este por sua vez, apresentava a mesquinha proporcional a sua dissimulação, como na fala

- Veja rapaz, os sacerdotes devem ser muito comidos em seu comer e beber. Por esse motivo não me excedo, como tantos outros.

Lazarilho comia os ossos roídos da cabeça de um carneiro e farelos de pão, apenas. Enquanto seu amo se banquetava sozinho.

Nossos políticos-religiosos pregam, com o mesmo cinismo, a caridade e humildade na vida; porém, seus patrimônios são superiores às suas falas, como

"Meu patrimônio é de R\$ 4 milhões, R\$ 2 milhões são da minha editora" (Silas Malafaia)

Mesmo assim, lutam para manterem-se no mesmo estrato social, afinal Brasília e o Planalto Central poderiam ser descrito como reino para ratos famintos,

(...) se havia no reino uma casa com tal privilégio, sem dúvida seria aquela, porque os ratos não costumam viver onde não há comida. (LAZARILHO, 2005, p.85)

Reafirmado pela “verdade” religiosa e intensificada pelo materialismo do capital, a ganância superior à reforma interior do sistema e do homem, temos em nossos políticos a venda da benção,

“Quem não der oferta, tudo bem. Mas não sairá daqui abençoado”. (Silas Malafaia)

Vemos a inversão de valores, o esvaziamento da fé e supervalorização do capital por “homens de bem” corrompidos, porém admirados e seguidos por milhões de pessoas há mais de 400 anos



até os dias atuais. Ambos, clérigos da Idade Medieval e políticos-religiosos da contemporaneidade usurpam de sua autoridade e poder para manterem-se no sistema. Mas, não importa, pois o que vale é ser “homem de bem” honrado, mesmo que a custa de uma aparência duvidosa.

A cerimônia de debutante de Lazarilho teve ironicamente uma personagem cega e trapaceira que o iluminou e o ensinou a arte de viver, e assim configuraria toda sua trajetória e sua ascensão social: ele cego de si mesmo, trapaceiro e degradado moralmente, uma pequena amostra marginal de uma grande sociedade hipócrita central.

Ele permanece meses com o cego e é submetido à condições desumanas, assim aprende que para estar vivo é necessário ser esperto. Aprende e formula truques com este amo. De acordo com González, este período (com o cego, clérigo e escudeiro) é considerado a sequência de Aprendizado,

Caracteriza-se por uma evolução no “passar fome” que é, inesperadamente, cada vez maior e uma evolução na capacidade para remediar a fome, ao ponto que o pícaro acaba remediando também a do amo. (GONZÁLEZ, 1988, p.13)

Vale ressaltar que ele remedia a fome do escudeiro, seu amo que vive de aparências e com este, percebemos que Lazarilho se fortalece com o ato de dar comida para ele e percebe, de fato, que a sociedade aceita melhor as aparências de uma roupa, a prepotência de uma riqueza inexistente, que o caráter existente de um maltrapilho. Não à toa, este amo encerra o processo de aprendizado e ele inicia sua nova etapa: a Progressão.

(...) há uma progressão da fome à capacidade de subsistir, de ser uma extensão do amo (guia do cego) à relativa autonomia do aguazil e da fuga ao diálogo. (GONZÁLEZ, 1988, p.13)

Interessante observar que a fome foi ao mesmo tempo fisiológica e ideológica, pois o manteve no percurso de querer se tornar extensão de um amo. Outro aspecto dessa avanço de fase foi o desenvolvimento do diálogo, como se para se dar bem na vida o domínio da oratória fosse uma premissa. Mas, não foi justamente o que ele aprendera com os três primeiros amos? O cego era o Alexandre Magno, o clérigo com domínio do discurso religioso e o escudeiro, um aristocrata falido.

Após essa virada, Lazarilho marca sua transformação, sua ascensão social com um objeto pertencente à sua nova classe: compra roupa mesmo que velha e uma espada e,

(...) sente-se “em traje de homem de bem” e decide atuar de acordo com o nível obtido mediante a aparência. Agora, Lázaro se incorpora ao universo dos seus amigos amos e nele enfrenta a sociedade de igual para igual (...) (GONZÁLEZ, 1988, p.13)

O anti-herói herói (grifo meu) que envolveu o leitor até o momento com sua carga emocional, cativando assim para torcida de sua grande conquista, deixade ser o anti-herói herói e torna-se apenas o anti-herói ao entrar, integrar ao sistema corrompido e promíscuo da sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O menino anti-herói herói ao integrar a sociedade de quase-igual para ele próprio um quase-igual, também, conclui sua cegueira ao não exergar a si próprio e misturar-se com a inversão de valores, esvaziamento da honra e superficialidade do material. Afinal,

Eles não querem ver em suas casas homens bons e virtuosos, que são, ao contrário, detestados e desprezados. (LAZARILHO DE TORMES, p. 141)

E, por fim, nossa situação atual na esfera política tem sido fundamentada em uma bancada religiosa na qual nega a Constituição Brasileira e o Estado laico, uma relação promíscua e indubitavelmente perigosa. Pois, permitir ou difundir o discurso religioso como sistema político nos levaria não mais ao anos sombrios da Idade Média, onde a ascensão social mesmo que realizada de forma dúbia e supostamente “honrada”, ainda assim havia a “liberdade” de ir-e-vir, não que isso também justifique o injustificável. Entretanto, com o advento da oratória político-religiosa em massa, podemos caminhar para a cegueira da moral, da ética e da justiça mais uma vez e permitir que seja culminado a ideia de higienização como já vimos ao longo da história da humanidade, como com o massacre ao indígenas, Império Otomano, Auschwitz, Palestina, a banalização da barbárie ou até o fetiche da barbárie, mas este assunto caberá em outro artigo.

A religião tem a capacidade de ligar e religar pessoas a pessoas na mesma proporção que tem para massacrar e dizimar pessoas de pessoas.

Portanto, fiquemos em alerta, porque faz parte da condição humana picarescar para o bem-estar próprio. Então,

- Tome e traga-a de volta logo. E cuidado com a gula! (p.67)

## REFERÊNCIAS

Disponível em <http://noticias.gospelmais.com.br/pastor-silas-malafaia-polemica-pregacao-oferta-abençoado-17078.html>. Acesso 03 abr. 2016.

Disponível em <http://odia.ig.com.br/portal/diversaoetv/entrevista-de-silas-malafaia-na-tv-causa-polemica-nas-redes-sociais-1.544052>. Acesso 03 abr. 2016.

GONZÁLEZ, Mário. **O Romance Picaresco**. Ática. São Paulo, 1988.

GONZÁLEZ, Mário. **Lazarilho de Tormes**. 34. São Paulo, 2005.